

## A ESCOLA PELAS LENTES DO NOME E DAS MEMÓRIAS: INVESTIGAÇÃO DE ASPECTOS DA HISTÓRIA DE UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL EM DUQUE DE CAXIAS (RJ)

**Andressa Veniz da Silva**

UERJ-FEBF

dessa.veniz@gmail.com

**Beatriz Silva do Nascimento**

UERJ-FEBF

beatrizuerjfebf@gmail.com

### RESUMO

O presente estudo faz parte de uma pesquisa em andamento e tem como objetivo investigar a história de uma instituição escolar da rede municipal de Duque de Caxias-RJ, Baixada Fluminense. A análise se desdobra em torno da professora que dá nome à escola e de aspectos do funcionamento da instituição ao longo de quase quatro décadas de existência, considerando historicamente a época de fundação, o contexto político e educacional do país e do município. A Escola Municipal Professora Carmem Corrêa de Carvalho Reis Bráz está localizada em Imbariê, 3º distrito de Duque de Caxias, no bairro de Santa Lúcia e foi fundada em 23 de agosto de 1985, tendo sido inaugurada por Hydekel de Freitas, Prefeito de Duque de Caxias da época e ex-aluno da professora Carmem. A professora, nascida em Campos dos Goytacazes-RJ, se formou na Escola Normal e aos 16 anos começou a lecionar. Como referenciais teóricos foram utilizados Pollak (1989), Faria Filho (2009), Ginzburg (1989), e E.P. Thompson (1966). Utilizamos como fonte: jornais da época disponíveis no site da Hemeroteca Digital e no Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias, documentos e entrevista concedida ao CEPEMHed, que atualmente são as principais instituições que resguardam documentos e memórias de Duque de Caxias, bem como certidões localizadas no site Family Search. A escola enquanto um lugar de memória e de história, considerando seus sujeitos, o fazer pedagógico e a prática administrativa, é um lócus privilegiado para se conhecer as transformações ocorridas na educação ao longo do tempo.

Palavras-chave: Educação; Baixada Fluminense; História da Educação; História Local; Trajetória docente.

### Introdução

*Os cientistas dizem que somos feitos de átomos,  
mas um passarinho me diz que somos feitos de histórias.*

*Eduardo Galeano*

Somos feitos de histórias, como nos diz Galeano. Histórias tecidas por diversos fios que se atravessam como um fino tapete persa. Histórias traçadas por muitas mãos.

Assim, podemos compreender a história da Escola Municipal Professora Carmem Corrêa de Carvalho Reis Bráz: muitos fios entrelaçados por inúmeras mãos, mas que formam uma história viva, ainda em tecitura. A História da Educação na Baixada Fluminense é formada por muitas histórias como essa. Histórias que podem e devem ser narradas.

A Escola Carmem Corrêa está localizada no terceiro distrito de Duque de Caxias, Imbariê, e o interesse por sua história surgiu a partir do Projeto em andamento “Escola-comunidade no centro da cena e da história local: ações para rememorar, aprender e criar em Imbariê, Baixada Fluminense” do edital da FAPERJ, do Programa de Apoio à melhoria das escolas da rede pública sediadas no Estado do Rio de Janeiro. Como proposta do projeto, desenvolvemos a trajetória da instituição a partir de memórias dos professores, ex-alunos e pelas fontes documentais que nos apoiaram durante a pesquisa.

Refletindo a partir da noção de regional como posição de análise, de Faria Filho (2009), implica conhecer esse chão, pois a constituição do indivíduo passa pelas experiências com a região em que vive e cresce. Compreender o contexto desse território em suas mais diversas nuances é entender que não se trata apenas de um espaço geográfico.

Para fazer, neste artigo, uma “história local da educação”, como preferem dizer Bezerra, Borges e Pinheiro (2021), foi preciso refletir a partir dos conceitos de “história vista de baixo” (Thompson, 1966) e de “memória subterrânea” (Pollak, 1989). A “história vista de baixo” privilegia a história de pessoas comuns e suas experiências cotidianas, fazendo emergir por meio da história oral, “memórias subterrâneas”, silenciadas pela chamada história oficial. Ginzburg (1989) vem contribuir trazendo a ideia do “nome como fio condutor” para a abertura da investigação histórica a respeito da professora, que homenageada, nomeia a Escola da Baixada Fluminense.

As memórias da Escola, trazidas pelos seus sujeitos (funcionários, professores, ex-professores, alunos e ex-alunos) vão sendo entrelaçadas à história da professora Carmem Corrêa, fazendo emergir novas veredas para a História da Educação.

Para a realização do levantamento da trajetória da Professora Carmem Corrêa, buscou-se jornais da época disponíveis no site da Hemeroteca Digital e informações no

site *Family Search*, onde foi possível encontrar alguns documentos pessoais, como a Certidão de Casamento dela. Também foram encontradas informações sobre a docente na Dissertação de Mestrado de Vinícius Plessim (2017) e no Instituto Histórico Vereador Thomé Siqueira Barreto da Câmara Municipal de Duque de Caxias (IHCMDC).

Quanto aos aspectos de funcionamento da Escola de Imbariê, a pesquisa também incluiu uma busca no site Hemeroteca Digital, visitas ao Centro de Pesquisa, Memória e História da Educação da Cidade de Duque de Caxias e Baixada Fluminense (CEPEMHed), e pesquisa no acervo administrativo da Unidade Escolar, incluindo o Projeto Político Pedagógico.

Para tecer este trabalho, iremos entrelaçar três fios: no item 1, Os fio da teia local, serão apresentados, sob as lentes regionais, o panorama da cidade e da educação em Duque de Caxias; no item 2, os fios a nos conduzir serão os da trajetória da docente Carmem Corrêa e, por fim, no item 3, as lentes reajustadas mostrarão os fios que envolvem a memória da Escola de Imbariê.

## UM EMARANHADO DE FIOS

### Os fios da teia local

Quando tratamos da pesquisa sobre o município de Duque de Caxias, território da Baixada Fluminense, deparamos com o senso comum sobre o que é a periferia. De forma negativa, a história da região foi por muito tempo apagada, incluindo também a história da educação. Sendo assim, a produção de conhecimento sobre a história local e da escola contribui para ampliação de pesquisas sobre Duque de Caxias, especialmente em Imbariê.

A história de Duque de Caxias se inicia muito antes do seu próprio nome. Para situar historicamente a região em que a escola se encontra, é necessário voltar para os processos políticos ocorridos na Baixada Fluminense. A discussão sobre a emancipação de Duque de Caxias iniciou em 1930, com a mudança da placa da estação ferroviária de

Meriti. Essa mudança representava para a população local a insatisfação com a política de poder do município de Nova Iguaçu. Outra frente de embate para emancipação, foi a criação da União Popular Caxiense (UPC) em 1933 (RODRIGUES, 2020). A UPC era composta pela elite local, e segundo os organizadores, os objetivos da união eram: “assegurar o encontro de soluções para os problemas locais; organizar o trabalho de filantropia e promover o lazer” (SOUZA, 2014, p.137).

Mesmo com os esforços gerados pela população e elite, apenas em 1943 com o Art. 1º do Decreto-Lei Estadual n.º 1.055, de 31/12/1943, os quatro distritos que faziam parte de Iguaçu: Caxias, Estrela, Xerém e São João de Meriti tornaram-se o município de Duque de Caxias. Alguns dos motivos que fortaleceram a emancipação de Duque de Caxias (SOUZA, 2014) foram a reforma administrativa com base no Estado Novo, a reorganização do quadro territorial e a tentativa de apoio popular para o governo de Vargas.

A cidade de Duque de Caxias estava, desde 1971, sob intervenção do governo militar por ter sido considerada “área de segurança nacional”. Hydekel de Freitas Lima, genro de Tenório Cavalcanti<sup>1</sup>, o prefeito que inaugurou a Escola em tela, havia sido nomeado interventor em 13 de maio de 1982, permanecendo até 31 de dezembro de 1985.

Entre os anos de 70 e 80, a Baixada Fluminense vinha passando por diversas lutas sociais em diferentes âmbitos, como o movimento social das associações de moradores e greves dos trabalhadores. No âmbito educacional, não foi diferente. Costa (2021) destaca a forte presença dos movimentos estudantis lutando pelo direito à educação, pela construção de escolas e reformas. Também salienta a organização na luta pela educação por parte dos servidores públicos, que buscavam reivindicar pela educação pública de boa qualidade e para toda população, ficou conhecida como a Greve de 1979.

Em 1985, ano de inauguração da Escola Municipal Professora Carmem Corrêa de Carvalho Reis Bráz, no Brasil encerrava-se a ditadura militar com a eleição indireta de Tancredo Neves e José Sarney, apesar do apelo da população por eleições diretas. Após 21 anos, o país voltava a possuir um regime democrático.

---

<sup>1</sup> Tenório Cavalcanti (1906-1987) foi criador do jornal A Luta Democrática, filiado à UDN, foi eleito em 1946, Deputado Estadual. Nas eleições de 1954 e de 1958 foi o Deputado Federal que recebeu mais votos em seu partido. Opositor ferrenho de Amaral Peixoto, político e genro de Getúlio Vargas, Tenório recebeu o apelido de “O homem da capa preta” e a fama de matador (Souza, 2014).

Nesse mesmo período de inauguração da Escola Carmem Corrêa, entre os anos de 1980 e 1990 iniciava o movimento de ocupações informais e construção de moradias em áreas públicas desocupadas pelo Rio de Janeiro. Com a desativação de uma fazenda do Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária (INCRA) há mais de vinte anos, a área que hoje se compreende como o bairro Santa Lúcia ficou desocupada. (LEITÃO; DELECAVE, 2012). Aos poucos a área começou a ser ocupada por famílias que vinham da Região Metropolitana do Rio de Janeiro, e um dos motivos dessa migração foi a possibilidade do imóvel próprio.

Em 1992, a partir da organização planejada pelo líder comunitário Luiz Cabral, a Vila Getúlio Cabral iniciou com a separação dos lotes para as famílias de baixa renda em assembleias e reuniões na associação dos moradores. Segundo Luiz Cabral, ele estava fazendo “política habitacional com as próprias mãos”, garantindo o acesso à moradia de forma justa com a construção de um bairro popular.

### Os fios do nome

Pensando no “nome como fio condutor” (Ginzburg, 1989), foi imperioso compreender quem foi Carmem Corrêa e que legado ela deixou à educação na cidade de Duque de Caxias. À princípio só tínhamos a informação de que ela havia sido professora de Hydekel de Freitas, prefeito de Duque de Caxias, de 1982 a 1985. Informação encontrada em alguns jornais da época, como o Jornal do Commercio, Tribuna da Imprensa e Jornal dos Sports.

Nossa busca pela Professora Carmem Corrêa incluiu inúmeras buscas no site Hemeroteca Digital, partindo do princípio de que os jornais poderiam não ter escrito o nome dela corretamente. As buscas, então, incluíram: “Carmen Corrêa”, “Carmem Correia”, “Carmem Corrêa”, “Carmem Corrêa de Carvalho” e “Carmem Corrêa de Carvalho Reis” e conseguimos encontrar algumas informações. No Instituto Histórico,

com a grande colaboração da Professora Dra. Tânia Amaro<sup>2</sup>, foi encontrada uma biografia da década de 1970, duas fotografias e um recorte de jornal, sem identificação de data.

Foto 1: A Professora Carmem Corrêa ao lado de três mulheres não identificadas<sup>3</sup>



Fonte: Acervo do IHCMDC. Reproduções fotográficas (F\DC5.7.1-1).

Segundo sua certidão de casamento, encontrada no site *Family Search*<sup>4</sup>, Carmem Corrêa nasceu em Campos dos Goytacazes em quatro de maio de 1899. Filha do Major João Francisco Corrêa e Subaina Faria Nogueira. Tendo cursado a Escola Normal de sua cidade natal, Carmem começou a exercer o magistério aos 16 anos como professora-adjunta do Grupo Escolar 15 de novembro. Ela casou-se em 14 de junho de 1923 com Alzemiro de Carvalho Reis.

De acordo com uma biografia<sup>5</sup> encontrada no acervo do Instituto Histórico de Duque de Caxias, em 1928 a professora Carmem Corrêa passou a exercer o magistério na Escola Rio Dourado, em Barra de São João. Nessa cidade, Carmem perdeu seu filho Paulo

<sup>2</sup> Tânia Maria da Silva Amaro de Almeida é pós-doutora em História pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, diretora do Instituto Histórico da Câmara Municipal de Duque de Caxias, diretora cultural da Associação dos Amigos do Instituto Histórico e professora na Rede Estadual de Ensino do Rio de Janeiro.

<sup>3</sup> No verso da fotografia está escrito: “Educandário Santa Helena. Oferta de Lúcia Baião. Dezembro de 1966”.

<sup>4</sup> [www.familysearch.org/pt/](http://www.familysearch.org/pt/) consultado em 21/09/2023.

<sup>5</sup> Acervo do IHCMDC; Biografias; Década de 1970.

Vinícius, com apenas 4 meses de vida, padecendo das péssimas condições do local e da falta de recursos. Conseguiu em 1931 uma transferência para Parada Belford (Linha Auxiliar). Ela teve mais quatro filhos: Ívano Mac Donald, Valérius Salvator, Ricardo Marilo e Maria Helena.

Graças à ajuda da Professora Dra Amália Dias<sup>6</sup> foi possível chegar à dissertação de Vinícius Plessim (2017), "A profissão docente na Escola Regional de Meriti (1921-1954)", onde ele identifica por meio dos relatórios Anuais, a presença da professora Carmem Corrêa na Escola Regional de Meriti entre 1951 e 1954.

Sendo assim, fomos até ao Centro de Memória, que possui a salvaguarda desses documentos e encontramos, datado de 31 de dezembro de 1951, um relato da professora Armanda Álvaro Alberto, em que ela descreve uma situação envolvendo a professora Carmem, onde a Carmem Corrêa teria conhecido, no Centro de Orientação Juvenil<sup>7</sup>, dois jovens irmãos e os encaminhado à Escola Regional de Meriti. A professora Armanda narra ter sido uma ação acertada, visto que os meninos estavam progredindo bem.

Em 1958, seu nome aparece no Jornal Folha da Cidade<sup>8</sup>, sendo diretora do Educandário Santa Helena e em 1964, no Jornal A Luta Democrática<sup>9</sup>, recebendo homenagens pelo Dia do Mestre e o título de "Cidadã Caxiense". O Jornal Luta Democrática<sup>10</sup>, registra em agosto de 1980, em ocasião das solenidades em homenagem ao patrono da cidade, a condecoração da professora Carmem com uma medalha "grau prata" em agradecimento aos serviços prestados em benefício do Município. Ainda não foi possível identificar a data e local de seu falecimento.

---

<sup>6</sup> Amália Cristina Dias da Rocha Bezerra é doutora em História da Educação pela Universidade Federal Fluminense, Procientista UERJ, professora associada de História da Educação do Departamento de Ciências e Fundamentos da Educação da Faculdade de Educação da Baixada Fluminense (FEBF-UERJ), membro permanente do Programa de Pós-graduação em Educação, Cultura e Comunicação em Periferias Urbanas.

<sup>7</sup> O Centro de Orientação Juvenil foi criado em 1946, no Rio de Janeiro, pela professora Helena Antipoff, com o objetivo de treinar médicos, psicólogos e assistentes sociais para atender adolescentes "portadores de dificuldades emocionais". [Helena Antipoff no Departamento Nacional da Criança: a Psicologia no Centro de Orientação Juvenil \(1946-1956\) | Psicologia da Educação \(pucsp.br\)](#), acesso em: 13\04\2024.

<sup>8</sup> Jornal Folha da Cidade, 21\12\1958. [BNDigital](#), acesso em: 01\09\2023.

<sup>9</sup> Jornal A Luta Democrática, 17\10\1964. [BNDigital](#), acesso em: 01\09\2023.

<sup>10</sup> Jornal A Luta Democrática, 21\08\1980. [BNDigital](#), acesso em: 04\08\2018.

## Os fios da memória da Escola

Ser pesquisador da história da educação em Duque de Caxias configura-se como um desafio por diversos motivos. As Instituições Escolares não possuem uma política de salvaguarda de documentos. Não há uma preocupação em acondicioná-los livres de umidade ou outros agentes de deterioração. Os arquivos visitados (IHCMDC e CEPEMHed) contam apenas com os esforços de seus poucos funcionários.

Não existe na Secretaria Municipal de Educação (SME) um setor específico para resguardar a história das Escolas de Duque de Caxias, nem mesmo um lugar onde se possa pesquisar quem foram as personalidades homenageadas que viraram nomes de unidades escolares. As veredas já desbravadas foram graças a pesquisadores, principalmente após a década de 1990, que conseguiram, com muita diligência, subverter a ordem e encontrar fontes para suas pesquisas.

De acordo com Nailda Bonato (2005)

“(...) os arquivos escolares apresentam múltiplas possibilidades de pesquisa científica. Através desses acervos é possível conhecer as atividades administrativa e pedagógica de transformação da educação ao longo do tempo”. (Bonato, pág. 197)

Sabendo da importância dos documentos escolares para resgatar a história da Escola Carmem Corrêa, fez-se uma busca nos arquivos. Foram encontradas Atas de Resultados Finais a partir de 1985, livros de Matrícula a partir de 1995, Atas de Conselho de Classe e livros de registros do cotidiano escolar a partir de 2009. Foi possível ter acesso às primeiras dez fichas de matrículas de alunos, não sendo possível encontrar as seguintes, pois os Arquivos se encontram organizados por Ordem Alfabética e não por numeração. Além disso, foi possível ter acesso ao Projeto Político-Pedagógico da Unidade.

Foram encontradas uma grande quantidade de fotografias, porém, elas não possuíam identificação da data, do evento ou das pessoas presentes nas imagens. Muitas estavam com sinais de deterioração por conta do mau acondicionamento das mesmas. Não conseguimos descobrir se as Atas de Conselho Escolar e livros de registro do

cotidiano anteriores ao ano de 2009 foram perdidos ou se não havia o hábito de se fazer esse tipo de anotação.

A Escola Municipal Professora Carmem Corrêa de Carvalho Reis Bráz, criada pela Lei Municipal nº 675 de 27 de maio de 1985, funcionou no prédio do antigo Colégio Casemiro de Abreu até o mês de julho de 2010. Estiveram presentes em sua inauguração, ocorrida no mês de agosto, a esposa do prefeito Hydekel, a senhora Sandra Freitas, também ex-aluna da professora Carmem, os deputados Lázaro de Carvalho e Ampliato Cabral, a Secretária de Educação, a Professora Maria Auxiliadora, o vereador Armando Maia e a senhora Therezinha Godin do Espírito Santo, representando o deputado Silvério do Espírito Santo.

Foto 2: O prefeito Hydekel de Freitas chega à Escola Municipal Professora Carmem Corrêa de Carvalho Reis Bráz, em Imbariê, para sua inauguração, em 23 de agosto de 1985.



Fonte: Recorte do Jornal dos Sports de 25 de agosto de 1985

Os jornais da época, ao noticiarem a inauguração da Escola, mencionam que o prefeito estava muito emocionado ao lembrar em seu discurso de sua primeira professora. A primeira-dama, a secretária de educação e o deputado Armando Maia

também discursaram e a professora Olga Teixeira foi responsável pela biografia da professora Carmem. Infelizmente não foi possível encontrar essa biografia.

De acordo com as reportagens do período, a Escola iria atender cerca de 450 alunos, de 1a a 4a série, com previsão de turmas de 5a a 8a séries no ano seguinte. O edifício, demolido em 2011, era térreo e possuía apenas 8 salas de aula. De acordo com os documentos encontrados no acervo do CEPEMHed, o prédio passou por uma reforma geral em 1991 para construção do refeitório, sala dos professores, despensa, cozinha, pequena secretaria e cisterna.

Pequeno, com muitas infiltrações e sem quadra, essas foram as características mais mencionadas por aqueles e aquelas que passaram “pelo Carmem antigo”. O ex-diretor Ivon Alves de Araújo, em entrevista ao Centro de Memória, relatou ter enfrentado inúmeras dificuldades estruturais durante sua gestão (1986/1987), além da falta de professores.

O segundo semestre de 2010 iniciou com a transferência de prédios. A Escola Carmem Corrêa passou a funcionar no edifício do antigo Colégio Cenecista de Imbariê, a menos de seiscentos metros de distância do anterior.

Apresentando uma quadra, um pátio grande e dezesseis salas, o prédio novo agradou a muitos, entre professores e alunos. O problema de espaço estava solucionado, entretanto, novos desafios surgiram, como a rampa, por exemplo, que possui uma inclinação, que mesmo com auxílio, torna arriscado um cadeirante subi-la.

O passar dos anos e a falta de manutenção por parte da Secretaria Municipal de Educação (SME), trouxe novos problemas: infiltrações, rachaduras, rebocos caindo e pisos antiderrapantes da rampa soltando. O momento crítico ocorreu em agosto de 2021, quando uma parte do reboco da rampa que dá acesso ao segundo andar caiu, por sorte, em um dia que não havia crianças na Escola. Esse fato deixou toda a equipe docente reflexiva: seria seguro receber as crianças no dia seguinte?

Por ordem da Secretaria de Educação, seria feito apenas o reparo do trecho caído. Após a mobilização da comunidade escolar, no entanto, a SME autorizou a obra completa

do prédio<sup>11</sup>, deixando a maior parte do edifício interditada por cinco meses, para o trabalho das equipes de reforma e as turmas em ensino remoto.

Mas, como foi dito no início deste artigo, a Escola Carmem Corrêa é feita de histórias! Portanto, não podemos nos restringir exclusivamente à parte da infraestrutura. Em entrevista concedida a estas pesquisadoras, o professor de ciências, José Antônio Casais, relembrou com muita emoção a criação do Clube de Ciências, que vigorou de 1999 até 2005, e surgiu a partir de um trabalho realizado por ele.

O professor Casais estava participando de um curso de formação em Educação Ambiental pela UERJ, com a professora Dra Simone Fadel, e propôs à uma de suas turmas que realizassem uma lâmina de diagnóstico sócio-econômico-ambiental. Foi elaborado pelo professor um questionário e os estudantes entrevistaram 56 famílias residentes da Vila Getúlio Cabral. As perguntas foram direcionadas para entender a infra-estrutura do bairro e cotejar o grau de conhecimento dos moradores a respeito de doenças.

Foto 3: Alunos da Escola Carmem Corrêa apresentando os resultados do trabalho de entrevista feito na Vila Getúlio Cabral.

---

<sup>11</sup> Foi feito um tratamento especial nas vigas de sustentação que estavam com sinais de corrosão, foram trocados todos os vidros quebrados das janelas e as portas das salas de aula, também fecharam alguns espaços que havia nas paredes com a promessa de climatização da Escola. Todo o edifício recebeu uma nova pintura, inclusive com pinturas de painéis no cercado e na entrada da secretaria. As grades da rampa foram substituídas por muro, o terceiro andar recebeu um novo telhado e o fechamento das aberturas com muro e janelas.



Fonte: Acervo pessoal do professor José Antônio Casais

O trabalho foi um grande sucesso! As famílias foram bastante receptivas ao responder as perguntas, os resultados foram tabulados com a ajuda do professor de matemática Lucien e apresentados no Encontro Nacional de Clubes de Ciências que ocorreu no Campus da UERJ de Nova Friburgo, onde três discentes puderam também participar.

Essa experiência impulsionou o Clube de Ciências. Os estudantes, após terem contato com discentes de várias localidades do país, retornaram à Escola muito empolgados em manter o Clube em pleno funcionamento. Além da atividade das lâminas de diagnósticos e de montar um banco de reportagens, o Clube de Ciências também foi responsável por uma horta de ervas medicinais com o auxílio da funcionária ASG, dona Penha.

Como parte da agenda do Projeto da FAPERJ foi compartilhado um formulário do Google com professores, ex-professores, ex-alunos e ex-funcionários para que pudessem descrever uma de suas memórias mais marcantes em relação à Escola. A professora Maria Cristina de Educação Física lembrou os vários projetos que foram realizados em conjunto com o professor de história, Kleber Ferreira, a professora de geografia,

Rosângela e a professora de matemática, Ivani. Projetos que ficaram gravados na memória da professora de inglês, Terezinha:

O evento de culminância do projeto MEU BAIRRO. Não me lembro o ano, mas lembro que trabalhamos as histórias do bairro e de seus moradores. Foi feita uma gincana entre os alunos. Um dos meus alunos levou sua avó para o evento como a moradora mais antiga do bairro (na época ela tinha 90 anos). Foi uma grande confraternização entre alunos, moradores do bairro e Escola.

Analisando as fotografias que restaram no acervo, podemos notar muitos momentos em que a Escola vibrou, com: projetos, festas juninas, feiras culturais e formaturas. Como uma Feira Cultural lembrada, entre gargalhadas em entrevista, pelo professor José Casais, onde os alunos deveriam levar um animal de estimação e um deles levou um boi. Atividades que ficaram marcadas na memória e que emergem com emoção ao serem acionadas.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS ACERCA DA A URDIDURA DA HISTÓRIA DE UMA INSTITUIÇÃO EDUCACIONAL EM DUQUE DE CAXIAS**

Para a construção do presente artigo debruçamos sobre o contexto histórico no Brasil e em Duque de Caxias no momento de inauguração da escola, visto que ela surge pós Ditadura Militar, e os desdobramentos que contribuíram para a definição do nome da escola. Quando iniciamos as buscas que nos levariam ao que temos hoje sobre a professora Carmem Corrêa, muitas dúvidas surgiram de como encontraríamos dados sobre uma figura que pouco se conhece. Foi revirando fontes, recebendo informações, buscando em espaços que resguardam documentos que conseguimos moldar nossa pesquisa.

Como destacado no trabalho, apesar da ausência de uma política de salvaguarda de documentos sobre a história da educação do município, fomos agraciadas pelo incrível trabalho de cuidado e preservação que o CEPEMHed e Instituto Histórico fazem. Nas palavras de Mignot e Cunha (2006), guardar é preservar e tornar vivo o que pelo tempo pode ser esquecido, destruído. É a partir dos acervos desses locais e dos elos entre

pesquisadores que manteremos a produção de pesquisa sobre as Instituições Escolares de Duque de Caxias em andamento.

Por fim, a trajetória da Escola Carmem Corrêa é marcada por memórias individuais e coletivas (Pollak, 1989) com fios que traçam a caminhada para a história atual da escola. E, por meio das fontes que foram possíveis reunir, as entrevistas, memórias e fotos, notamos o sentimento de carinho pela escola que cada um trouxe como contribuição para este artigo.

## Referências

BEZERRA, A C. D. R.; BORGES, A.; PINHEIRO, M. C. O. **Grande Sertão Baixada e as veredas da historiografia da educação local**. Revista Linhas. Florianópolis, v.22, n.50, p.29-58, set./dez. 2021.

BONATO, N. M. C. Os arquivos escolares como fonte para a História da Educação. **Revista Brasileira de História da Educação**, nº 10, págs. 194-220, jul-dez, 2005.

BORGES, A.; DIAS, A. Fazer história da educação fazendo-se periferias: reflexões, experiências e possibilidades de ensino, pesquisa e extensão. In.: ECAR, A.; BARROS, S. (Orgs). **História da educação: formação docente e a relação teoria-prática**. São Paulo: FEUSP, 2022.

COSTA, M. L. O. CIEPs: tensões, conflitos e repercussões de uma Política Pública em Duque de Caxias na Baixada Fluminense. 2021. 225 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, 2021.

FARIA FILHO, L. M. História da Educação e História Regional: Experiências, Dúvidas e Perspectivas. In: MENDONÇA, A. W. C.P; ALVES, C.; GONDRA, J.; NACIF, L.; BONATO, N. (Org.) **História da Educação: desafios teóricos e empíricos**. Niterói: Ed. UFF, 2007. p. 57-66.

GINZBURG, C.; PONI, C. O nome e o como. Troca desigual e mercado historiográfico. In: GINZBURG, C. (Org.). **A micro-história e outros ensaios**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1991. p.169-178.

LEITÃO, Gerônimo et al. Barbante, Ripas e Luta: Ocupações organizadas de terras urbanas no Rio de Janeiro, 1983-1993. Niterói: Ed. UFF, 2016.

LEITÃO, G.; DELECAVE, J. A luta pelo acesso à Moradia na Região Metropolitana do Rio de Janeiro: a Vila Getúlio Cabral. *Boletim Científico Sapiens Research*, págs. 58-64, 2012

MIGNOT, A. C. V.; CUNHA, M. T. S. Razões para guardar: a escrita ordinária em e arquivos de professores/as. *Revista Educação em Questão*, [S. l.], v. 25, n. 11, p. 40-61, 2006. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/educacaoemquestao/article/view/8286>. Acesso em: 19 abr. 2024.

POLLAK, M. Memória, Esquecimento, Memória. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro: vol.2, n.3, 1989, p.3-15.

RODRIGUES, A. de S. de O. B. **A educação pública nas Atas da Câmara Municipal de Duque de Caxias (1947-1958)**. 2020. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação, Cultura e Comunicação) - Faculdade de Educação da Baixada Fluminense, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Duque de Caxias, 2020.

SHARPE, J. A História vista de baixo. In: BURKE, Peter (Org.). **A Escrita da História: Novas Perspectivas**. Tradução de Magda Lopes. São Paulo: Editora da Universidade Estadual Paulista, 1992.

SOUZA, M. S. Escavando o passado da cidade: história política da cidade de Duque de Caxias. Duque de Caxias: APPH-Clio, 2014.